

# O ESPECTRO

*Admonet in somnis et turbida terret imago.*  
Horrido Espectro me atormenta em sonhos.

Lisboa, 28 de dezembro

O paiz não succumbe, o paiz vive; a sua esperança recresce, a sua fé augmenta.

Um reino de tres milhões e meio de habitantes não esmorece com a perda de mil e quinhentos dos seus bravos. O saque de Torres Vedras dá-nos galhardia, a violação de mulheres e donzellas excita o nosso pundonor. Não combatemos só pela liberdade, combatemos pela honra e fazenda, por tudo quanto temos de mais caro sobre a terra

Conhecemos a fundo os planos dos despotas—querem dominar pela força. Para isso carecem d'um grande exercito, d'um grande orgamento, d'uma grande carga de contribuições.

Mas esse exercito dividido será esmagado pelo povo, e unido terá de seu a terra que pizar. Cinco ou seis mil homens não podem conquistar o paiz.

As intelligencias, a propriedade, as massas, tudo é nosso. Os despotas teem por seu o thesouro, os arsenaes, a corrupção.—Ainda teem por seu mais alguma cousa—teem o apoio da Hespanha, por cujos portos e raia sustentam e municiam alguns absolutistas.

Desaffrontai as terras do reino de toda a sombra de força, e ahi vereis rebentar a aclamação espontanea da nossa causa.

O paiz é todo liberal, e por isso aborrece a causa do ministerio.

Não nos assusta um revez, Quem sabe? Deus escreve direito por linhas tortas.

Ora, sus, gente forte!

Os valentes de Torres Vedras fizeram o seu dever, levaram a assolação e a morte ás falanges do despotismo. Agora faça cada um de nós o seu.

Até aqui podia qualquer ser mero espectador da contenda. Contava a causa ganha sem sangue, esperava que o despotismo não nos ousasse disputar o passo; mas agora que o ousou é

preciso esmaga-lo. Apanhou as nossas forças divididas; que em quanto ellas estiveram reunidas, nunca fez senão fugir diante d'ellas.

As desgraças e os revezes podem reparar-se, os crimes é que se não reparam.

É mister vingar a honra de nossos irmãos, de nossas mulheres, de nossas filhas; é mister castigar esse ultraje inaudito; é mister alçar o sagrado pendão da liberdade e firma-lo para sempre n'esta formosa terra portugueza.

Temos homens, temos coragem, temos fé, temos justiça. Faltam-nos algumas armas? Não carecemos d'ellas. A invasão passa, e passada ella bastam os nossos braços.

Temos ainda um exercito armado, temos excellentes cidades, immensas povoações, milhares de individuos.

Sobra-nos gente—temo-la engeitado. Temos recusado o seu offerecimento porque não careciamos d'ella. Carecemos hoje. A tactica mudou, deve mudar o nosso proceder.

É preciso correr todos ás armas. Gloria ou risco para todos. Não devem morrer só os nossos irmãos. Se cada um cumprir hoje o seu dever não morrerá um só.

Ahi está o Porto! O Porto sim, diante de cujos muros estremeceram 80 mil bravos soldados portuguezes. Estremeceram e não eram fracos; mas os raios da liberdade contra a qual combatiam cegavam-nos.

Assim será hoje. A causa é a mesma, e os inimigos são menos.

Torres Vedras ficará memoravel. Quem não inveja a sorte dos que alli combateram?

Bravura igual ninguem a vio ainda! Nem um soldado apresentado! Todos foram uns heroes, e poder-se-ha dizer com ufania—«Estive na batalha de Torres Vedras.» Será um titulo de recommendação o ser pai, filho, ou irmão dos que lá pereceram!

Nada de indiferença hoje. É preciso que cada um pague o que deve á patria. Os infelizes

não se censuram, nem caluniam, soccorem-se.

Os despostas espalham calumnias para nos desunirem, não os acrediteis. A infelicidade respeita-se, a dedicação louva-se.

Os censores que se habilitem primeiro para formarem os seus juizos;—que vão ganhar batalhas, ou pelo menos pelejar;—que mostrem as cicatrizes.

Nem uma palavra, que não seja de louvor, contra os vencidos!

A causa é nossa, e o triumpho está seguro.

O conde das Antas com a sua divisão retirou-se para Coimbra, abandonando Santarem. As forças do conde de Mello ficam no Alemtejo para proteger os povos da provincia contra a oscillação das forças ministeriaes.

A derrota da divisão do conde do Bomfim não desalentou o exercito popular, enfureceu-o.

A maior parte dos soldados prisioneiros em Torres Vedras fugiram do caminho para o conde das Antas.

O saque de Torres e a desfloração das donzellas tem causado indignação geral. Os casos de heroismo foram muitos da parte do exercito constitucional.

O ministerio conta com a deserção das nossas forças. — Não conta bem. Assim contava antes da acção de Torres Vedras, e viu o que aconteceu.

O partido liberal não desanima. Em 1832 perdemos a batalha de Ponte Ferreira e Souto Redondo, e por fim triumphamos. O grosso do nosso exercito ainda se não bateu. O *invicto* do Chão da Feira, de Raivães, e do Belfast, o heroe de Villa Franca ainda não viu a face do general em chefe do exercito popular.

Continua a correr a noticia da derrota completa do Abreu do Casal. Não a garantimos porque o homem é mais forte em fugir que em atacar.

Todos viram que o *Diario* escreveu sobre o *Morning-Chronicle* de 27 de novembro, que tem a mania de não acreditar na folha official, nem no duque de Saldanha, nem nos seus agentes; mas esta mania não é exclusiva d'aquelle periodico inglez, estende-se aos outros do mesmo e dos diversos paizes.

A nossa causa encontra sympathias em toda a parte, e a tenebrosa de 6 de outubro não passa de uma revolução de palacio até no jornal de Luiz Philippe, por mais que o *Diario do Governo* queira estender a prerogativa real.

Mas que diz o *Morning-Chronicle*? Diz o seguinte:

«Este paiz (Portugal) foi governado durante

os ultimos seis annos por homens cujo fim era o seu engrandecimento pessoal e o dos seus partidarios. Fizeram-se fortunas colossaes em vergonhosas especulações sobre o credito publico. Formaram-se companhias da agiotagem cuja propriedade consistia nos seus prospectos. Este paiz tem todos os elementos de prosperidade menos um—um bom governo!»

No artigo de fundo a folha ingleza ainda é mais explicita sobre as nossas cousas. Eis aqui alguns trechos:

«Seja qual fôr a posição exacta das operações militares em Portugal, o que é certo é que o movimento capitaneado pelo conde das Antas é o que tem as sympathias do paiz.

«Sempre assim o esperámos e prognosticamo-lo desde o principio. O modo porque as operações financeiras de Portugal eram conduzidas em beneficio de uma sucia de agiotas, fez nascer em nós a convicção de que tal governo provocava uma crise. D'aqui resultou o movimento popular do Minho. Nunca houve povo que fizesse uso mais moderado do seu triumpho. Na verdade deve-se lamentar (e agora julgamos depois dos factos) que não se empregasse maior energia, e que os chefes do povo se contentassem com garantias verbaes quando deviam ter exigido as practicas. Receberam como moeda corrente uma promessa aqui e uma concessão meramente nominal alli. A côrte nunca cumpriu a sua palavra. A primeira violação conduziu á segunda, e a segunda á terceira n'uma serie fatal, até que alentada por successos apparentes e pela ominosa tranquillidade do paiz, n'uma hora má a rainha de Portugal foi instigada a arcar com a revolução, e a fazer da pessoa do seu ministro o objecto de uma scena theatral.

«O que admira é que o governo se tenha sustentado por uma semana, e de certo não lhe seria isso possivel sem a concorrência de alguns d'estes accidentes que sempre apparecem nos movimentos militares mais bem combinados. Tal foi a adhesão do barão do Casal á camarilha.

«O resultado mais favoravel para a rainha seria que o conde das Antas marchasse para Lisboa sem ter algum encontro sério com as forças do Saldanha. Seria então possivel uma mudança de ministros, e a exigencia de amplas garantias para o futuro talvez podesse ainda satisfazer o povo. Ha comtudo pouca probabilidade d'isso, e nós não quizeramos ser os primeiros a prognosticar o que deve acontecer na supposição contraria.»

Ora eis-ahi ficam as expressões amargas mas verdadeiras que fizeram irritar o *Diario* a ponto de cahir na simpleza de dizer que as folhas estrangeiras deviam sómente acreditar o que di-

zem os agentes da camarilha constituídos em auctoridade.

A contra-revolução de 6 de outubro — esse facto inclassificavel na historia das nações, em que o chefe supremo do estado preferiu o titulo de cabeça d'um partido á gloria de empunhar o sceptro d'uma nação; em que se viu uma cabeça corôada descer do esplendor do seu throno a vir conspurcar-se no lodo das praças — esse facto inclassificavel, diziamos, foi recebido com um brado de reprovação unanime em toda a parte onde chegou a noticia d'elle. A imprensa estrangeira de todas as côres, na Inglaterra, jornaes quotidianos e hebdomadarios, na França desde o doutrinario *Debates* até ao satirico *Charivari*, mesmos nos paizes de governo absoluto, a *Gazeta de Turim*, por exemplo, em toda a parte se tem sido concorde em stigmatizar uma cilada, em que os primeiros salteadores sahiram do pé do throno, o paço foi o pandemonio, as trevas da noute a occasião da emboscada.

Na determinação em que estamos de informarmos noss s leitores do modo porque a nossa presente situação é avaliada lá fora, far-lhes-hemos conhecer mui resumidamente as considerações com que alguns dos mais acreditados jornaes francezes acompanharam a noticia da contra-revolução portugueza de 6 de outubro. E escolhemos os francezes por serem d'aquella nação de cuja sympathia os nossos adversarios blasonam; porque da ingleza despeitosa e impoliticamente manifestam elles as tendencias hostis ao pensamento e marcha do seu egoistico e desesperado movimento.

Em primeiro logar o nome que os jornaes francezes dão unisonos á contra-revolução de 6 de outubro é característico, elle só basta, diz mais do que muitas columnas para fazer vêr a conta em que o facto era tido, e como geralmente era avaliado; chamam-lhe *guet-apens* nocturno, palavra que não tem correspondente em portuguez, mas que designa uma traição premeditada feita de sobresalto, como quem fez uma espera atraz d'uma esquina, como quem accommette d'improviso alguém desaperecebido a quem tem com esse fim enganado. O vocabulo é forte; mas a applicação é exacta.

*La Semaine* de 25 d'outubro diz assim:

«A imprensa franceza, façamos-lhe essa justiça, é unanime em stigmatizar essa politica de salteadores (forbans), cuja suprema rasão foi a traição auxiliada pela violencia.»

O *Jornal dos Debates* chama-lhe contra-revolução, e acrescenta:

«É impossivel dar-lhe outro nome, porque o primeiro acto do novo ministerio foi pronunciar

a suspensão da liberdade individual e da liberdade da imprensa. Foi pois um golpe d'estado em toda a extensão da palavra.

«O *Nacional* duvidou a principio em acreditar os acontecimentos de Lisboa, fundado principalmente em que o Saldanha, quando recentemente atravessára Pariz em direcção a Portugal «a natureza das visitas que allí fizera, as suas conversas sobre os ultimos successos do seu paiz, não faziam esperar de modo nenhum que elle podesse vir a ser o instrumento d'uma contra-revolução em Portugal.»

A *Reforma* sente «que o povo portuguez parasse no meio da sua marcha revolucionaria. Elle fez alto ás portas do palacio da rainha, confiou a sua victoria, entregou as suas forças e a sua causa a conselheiros que procuraram equilibrar as prerogativas; e deixou que Gonçalves Brabo, o mais desprezível dos corretores de Christina, fosse atando publicamente os fios de uma conspiração cabralista. Desde então podia-se prever que a revolução do Minho seria esmagada.

O *Courrier Français* denuncia como primeiro auctor da contra-revolução essa camarilha de que o rei Fernando é chefe, de que o Cabral tinha sido instrumento, e cuja alma é o preceptor Dietz. Este homem não pensa e não faz nada senão pelos conselhos do rei Leopoldo da Belgica, um insensato que não podendo governar bem o seu reino, há muito tempo que se lhe metteu na cabeça governar Portugal.»

O *Siècle* assenta «que o gabinete inglez fará todas as diligencias para tornar a pôr Palmella no ministerio.» Acha que aquelle gabinete pôde e convem-lhe «fomentar a alliança dos liberaes portuguezes com os progressistas hespanhoes.»

A *França* (jornal legitimista) assevera que «a opinião publica em Portugal é manifestamente opposta a esse partido que se alcunha de moderado e que ella tinha subjugado antes da revolta de Costa Cabral... Que podem esperar os reaccionarios portuguezes d'esse golpe d'estado? A reacção não só não foi opportuna, mas até a selvageria com que foi executada revela a mais completa impericia.»

Por ultimo a *Illustração* usa de uma linguagem tão violenta contando os acontecimentos de Portugal, que fêre acremente todos os forjadores do *guet-apens* de 6 d'outubro.

D'então para cá os jornaes francezes todos se occupam em questões d'alto interesse para o seu paiz; o casamento do duque de Montpensier, as inundações das provincias do meiodia, os rumores da queda do ministerio Guizot, a occupação de Cracovia; não teem todavia desamparado a nossa questão, consagrando-lhe expressamente extensos artigos, todos no sentido das poucas phrases que d'alguns deixamos citadas; e podemos asseverar que de todos os jornaes não ha um só, excepto a defunta *Epoca*,

que não condemne a origem do governo de Lisboa e todos os seus actos.

O *Diario* de hontem atirou-se ao manifesto da junta do Porto, e pô-lo em estilhas. Parece um cão com um grande osso, que nem o pôde roer nem engolir. Nós agradecemos a publicação.

Os commentarios da folha official são admiraveis. Não queremos privar os nossos leitores d'algumas passagens mais interessantes d'elles.

A primeira maravilha é que a soberania nacional reside na rainha, e d'ahi conclue o *Diario* que o rei pôde suspender ou destruir a carta.

A segunda maravilha é que a heroica resistencia do Porto é fonte de corrupta immoralidade—e de desnaturada infamia.

Já se viu uma pequice d'estas? Que significa a immoralidade corrupta, a infamia desnaturada? Que entendeis por isto, escriptor sendeiro?

No porto corrompeu-se a immoralidade, na côrte corrompeu-se a honra, a moralidade, a virtude! No Porto desnaturou-se a infamia; na côrte naturalizou-se!!!

O dedo de Souza Azevedo revela-se no artigo. Lança-se como um homem á emigração que trouxe a rainha para o throno, e diz que ella trouxera á patria o brandão da discordia!

N'isto o *Diario* não é só absolutista é um miguelista chapado.

A junta do Porto disse no seu manifesto que a facção cercára o paço e obrigára a rainha a demittir a administração. O *Diario* escreve o seguinte:

«A demissão foi em 6 d'outubro; e em 9 rebentou a rebellião no Porto. Logo não foi a coacção da rainha a causa da rebellião.»

Já viste um argumento d'esta laia? O telegrafo em poucas horas communica uma noticia d'aqui para o Porto. Um expresso leva-a em dous dias; o *Diario* entende que o consequen-

te não pôde de modo algum ser effeito do antecedente!

Ahi vai outro periodo excellente do *Diario*:

«Suspenderam-se todas as garantias constitucionaes sem pretexto ou motivo justificado» (disse a junta). Primeiramente ahi estão os ultimos numeros do *Patriota* e da *Revolução de Setembro*, para dizerem se houve ou não motivo. Em segundo logar dado que o não houvesse, — que nos fica isso agora fóra de proposito, — o decreto da suspensão é de 7 de outubro, e a rebellião rompeu no Porto a 9: — logo tambem não foi este o motivo da rebellião.»

E vós cre-lo-eis, vindouros?

Que é o que disseram jámais o *Patriota* e *Revolução* que justificasse a suspensão das garantias? Podem acaso dous periodicos justificar esse acto, ou dispensam elles os factos publicos e notorios?

«Mas dado que não houvesse motivo para a suspensão era o mesmo» (diz ainda o cinico *Diario*!!)

Pois é o mesmo suspender as garantias com motivo ou sem elle?

Despotismo tão grosseiro pôde te-lo havido; mais estúpido não. A um despotismo d'estes convinha-lhe o ser silencioso. Um escriptor que lança blasfemias para o papel tão bestialmente deverá ser recolhido a S. José.

«O decreto da suspensão é de 7 e a rebellião rompeu a 9» (confessa o *Diario*). Ahi está o crime da côrte. A carta authorisa a suspensão de garantias no caso de rebellião, e o ministerio reconhece que as suspendera antes de se dar esse caso! Por consequente a insurreição foi motivada.

O governo andou avisado quando resolveu que o *Diario* não trouxesse artigo. Poupava se a esta vergonha, e não assoalhava elle mesmo o seu horroroso crime.

Todos os mais argumentos são d'este jaez, e nós os mencionamos porque nos falta espaço para a polemica.